

EXEGETAS DA EXPANSÃO No V Centenário do Descobrimento do Brasil

Por JOSÉ NUNES CARREIRA

*Professor da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

O século XVI não é apenas a idade clássica da cultura e o apogeu da expansão portuguesa pelo mundo; é também o século de ouro do hebraísmo e exegese bíblica em Portugal. Conhecimento e cultivo do Hebraico não tiveram geração espontânea nem irromperam do vazio, preparados como estavam pelos estudos de judeus portugueses (de que Isaac Abravanel é porventura o expoente mais alto) em séculos anteriores⁽¹⁾. Foram, todavia, os impulsos culturais e teológicos do Humanismo, da Reforma protestante e concílio de Trento a alargar ao campo cristão o que em séculos anteriores parecia monopólio dos Judeus⁽²⁾. A dificuldade é escolher entre lexicógrafos⁽³⁾, gramáticos⁽⁴⁾ e exegetas cristãos portugueses de Quinhentos. Fiquemo-nos pela exegese bíblica científica, representada por largas dezenas de obras e uma boa dúzia de autores de projecção europeia. Jerónimo da Azambuja (Oleastro), Francisco Foreiro, Heitor Pinto, Jerónimo Osório, Francisco de Mendoça, António Fernandes, Pedro de Figueiró («o Hebreu»), Manuel de Sá, Luís de Sotomaior, Brás Viegas e Sebastião Barradas, entre outros, fazem do século XVI a idade de ouro da investigação e produção exegetica portuguesa. Como se rivalizassem universidades (a renovada de Coimbra⁽⁵⁾ e a recém-fundada de Évora) e escolas conventuais, dioceses e ordens religiosas, instituições e «iniciativa privada». Heitor Pinto é produto acabado da academia coimbrã⁽⁶⁾; Sebastião Barradas um dos «mais

eminentes cabouqueiros da fama de que (a Universidade de Évora) em breve se aureolou» (7). Jerónimo da Azambuja ensinou na escola teológica da Batalha. Francisco Foreiro, de que se desconhece ministério docente, é óptimo representante da investigação «privada» e todos do generalizado e efervescente pulular de criatividade intelectual e editorial.

Menos conhecido é o reflexo da Expansão nos próprios comentários bíblicos. À falta de investigação específica, própria e alheia (8), seja-me permitido respigar a título de amostra alguns exemplos.

Oleastro, como o exegeta da Azambuja («ab Oleastro») veio a ser conhecido internacionalmente, levanta os olhos das divagações filológicas e exegéticas e chama a terreiro o momento alto da história pátria que vivia. O unicorno seria, no seu entender, um animal semelhante ao que «da Índia foi trazido ao nosso Sereníssimo rei D. Manuel e ele próprio mandou de presente ao sumo pontífice Leão, com outros objectos de valor» (9). O *theassur* deve ser a árvore «que dos nossos se chama Brasil, terra há pouco encontrada pela nossa gente» (10). O esforço missionário português compensa as perdas sofridas pela Igreja com o protestantismo a lavrar na Europa ocidental e setentrional (11).

Foreiro entende as «naus de Társis» (Is 2,16) não a partir da pretensa origem ou destino (Tarsis podia significar apenas «mar» e não só a famosa cidade do extremo ocidental do mundo), mas pela envergadura e resistência, «quod maiores et maris tempestatibus sufferendis aptiores reliquis essent», como as nossas «naus da Índia», «apud nos Lusitanos naves Indicae» (12).

Sebastião Barradas deixa adivinhar a vida buliçosa da Lisboa quinhentista, porto de chegada de mercadorias e escravos (13), placa giratória de encontros e embaixadas importantes (14). O exegeta aproveita João de Barros para descrever o mar Vermelho e outras paragens do Oriente (15). Cita Afonso de Albuquerque (16) e D. João de Castro (17). Evoca a «enorme calamidade, infeliz evento, miserando naufrágio, infeliz e lamentável batalha» de Alcácer-Quibir (18). Escrevendo sob os Filipenses (19), achou por bem associar as duas epopeias ibéricas, proclamando felizes a ambos os reinos a quem Deus concedeu realizar tão grande empresa – Portugal para Oriente e Espanha para Ocidente (20).

Seja-me permitido salientar três vultos eminentes (21) da exegese portuguesa do século XVI.

Frei Jerónimo da Azambuja

Em 1545, D. João III ordena que Frei Jerónimo da Azambuja, «prior que ora he do mosteiro da Batalha», o represente em Trento com outros dois letrados do reino (Frei Jorge de Santiago e Frei Gaspar dos Reis, todos mestres em Teologia). Os legados régios deviam chegar a tempo da abertura – «pera se acharem presentes no principio do concilio»⁽²²⁾.

Terminava um ciclo de vida religiosa: nascido nos princípios do século, o frade da Azambuja professara em 1520 no mesmo convento dominicano da Batalha, donde agora era levado para a aula conciliar de Trento. E dir-se-ia que outro ciclo encetava, o da Europa e da internacionalização dos debates e perspectivas. Puro engano: o prior da Batalha, no aconchego da cela, nas aulas ou no púlpito, era já um «estrangeirado». Depois do Colégio de S. Tomás de Coimbra (entrada a 8 de Dezembro de 1525), os estudos tinham-no levado a Lovaina (onde está matriculado em 1536). Aqui respirou Frei Jerónimo o humanismo triunfante e limou o instrumental linguístico (latim, grego e hebraico) que faria dele o primeiro grande exegeta cristão português.

A entrada em Trento (5 de Dezembro de 1545) é que esteve longe se ser triunfal. Aberto o Concílio a 13 de Dezembro, Frei Jerónimo da Azambuja teve ocasião de se apresentar na congregação de 18 seguinte. O legado, que se adiantara na viagem aos companheiros, apresentou e leu as credenciais del-rei: «Pareceu bem à congregação que se lessem então as cartas. (...) Lidas estas, o mesmo dominicano pediu para ser entretanto admitido a falar em nome do seu rei nas congregações e outros actos públicos do Concílio»⁽²³⁾, como julgava depreender-se dos memoriais apresentados, um deles «escrito na língua materna dos Portugueses (quorum memorialium alterum caput materna Portugalensium lingua conscriptum legit patribus)»⁽²⁴⁾. Gorou-se todavia a expectativa e com um argumento nada lisongeiro para o prior da Batalha⁽²⁵⁾ – achavam o legado de pouca valia para rei tamanho, como nota Severolo, que nem se dá ao incómodo de identificar o «quidam frater Dominicanus»: «Pareceu a todos que não fosse admitido em nome do rei, se não demonstrasse o mandato de outra maneira, até porque parecia pouco verosímil que rei tamanho quisesse que um homem tão pouco representativo (tam privatus) ocupasse o seu lugar em tão magna assembleia»⁽²⁶⁾. Falta uma procuração em forma, como se depreende de uma carta do embaixador na corte pontifícia, Baltasar Faria, a D. João III (de 12 de Janeiro de 1546): «... recebi hũa carta do padre frey Hyeronimo d Azambuja de Trento, na qual me diz como os legados lhe perguntarão

se trazia procuraçam de Vossa Alteza, e como elle respondera que não: somente aquella carta de credito que lhes dera, que todavia elles lhe dezião ser necessaria porque o mesmo faziam todos os outros principes.»⁽²⁷⁾ E, não fizesse o embaixador orelhas moucas às angústias protocolares dos legados portugueses, Frei Jerónimo manda missiva a el-rei (5 de Fevereiro de 1546), contando a penosa situação: «Nos ategora não fomos chamados nem pera consultar nem pera determinar...» E juntavam-se carências de outra ordem: «Quanto a nossa provisão bem ve Vossa Alteza que nos nom avemos sempre de manter com o que trouxemos, e as cousas vallem muito caras caa e certo que gastamos com muita provisão e consciencia tanta que as vezes he tacha. E de mim sei dizer que vim de Roma com cavalos alugados porque ambalas bestas que trouxe me faltarão no caminho e ategora nom merquei besta porque se a comprara nom tivera de comer.»⁽²⁸⁾

Modesta foi a intervenção do «quidam frater Dominicanus» nas congregações dos teólogos menores. Na discussão sobre a Vulgata esteve mudo, que as Actas da famosa sessão de 20 de Fevereiro de 1546 nada referem. Discursou com grande conhecimento de causa, mas sem repercussão de maior, sobre a justiça imputativa e a certeza da fé a 16 de Outubro de 1546⁽²⁹⁾, sobre os sacramentos a 22 de Outubro de 1547⁽³⁰⁾ e sobre a Eucaristia a 3 de Fevereiro de 1548⁽³¹⁾.

Regressado a Portugal e recusada a mitra de S. Tomé, foi censor dos livros (até 1552), inquisidor (até 1560) e finalmente provincial da sua Ordem (eleito em 1560), vindo a morrer em 1563.

Deste *curriculum* salientam os historiadores a participação no Concílio⁽³²⁾ e a actividade inquisitorial que por pouco não transforma um *cursus honorum* em *cursus inhonorum*⁽³³⁾. Mas não foi Trento que fez de Frei Jerónimo da Azambuja um homem grande. Tão-pouco os cargos exercidos após o regresso à pátria. Passou a intervenção numa forma de sociedade que durou o que tinha a durar e acabou (Inquisição). Ficou a intervenção cultural, os livros que dão ao autor um estatuto de imortalidade, como já reconhecia o sábio egípcio do tempo dos Ramsés⁽³⁴⁾.

Nos princípios do século XVIII, ainda era «tradição constante entre os Religiosos Dominicanos desta provincia de Portugal, que indo o insigne Oleastro para assistir nas Matinas da festa do Natal pedira à comunidade o ajudasse a render graças a Deus por ter concluído o Comento a toda a Sagrada Escritura de cujo precioso trabalho se perdeu grande parte com grave detrimento dos escuritários.»⁽³⁵⁾ Que diria hoje Barbosa Machado! Perderam-se os seguintes comentários,

todos dados como existentes à data da primeira edição da *Biblioteca Lusitana* (1710):

Commentaria in Psalmos⁽³⁶⁾;

Commentaria in Ieremiam et duodecim Prophetas Minores⁽³⁷⁾;

Commentaria in IV libros Regum⁽³⁸⁾...

Salvou-se o suficiente para impor o Oleastro como um dos grandes exegetas de todos os tempos:

Commentaria in Genesim, Lisboa 1556;

Commentaria in Exodum, Lisboa 1557;

Commentaria in Leuiticum, Lisboa 1557;

Commentaria in librum Numerorum, Lisboa 1557;

Commentaria in librum Deuteronomii, Lisboa 1558⁽³⁹⁾.

Na mesma cidade e em data incerta⁽⁴⁰⁾ reuniram-se os cinco tomos num só volume, como posteriormente em Antuérpia (1568 e 1569) e Lião (1586, 1588), com o habitual título prolixo: *REVERENDI PAtris Fratris Hieronymi ab Oleastro Lusitani, Praedicatorii Ordinis, ac sacrae THEOLOGIAE PROFESSORIS ATQVE HAereticae prauitatis apud Inclytam Olyssiponem Inquisitoris Commentaria in Mósi Pentateuchum, iuxta M. Sanctis Pagnini Lucensis eiusdem Ordinis interpretationem, quibus Hebraica veritas exactissime explicatur, & quae ad morum compositionem aptari possunt, ex ipsius literae penetralibus seorsum annectuntur. Opus sane, & doctis, & indoctis usui futurum*⁽⁴¹⁾.

Estas edições incluem os *Hebraismi et canones pro intellectu sacrae scripturae*, Lyon 1566, etc.

São póstumos os *In Isaiam Prophetam Commentarii*, Paris 1622, 1656 (agora com o título: *Isaias inter maiores prophetas*).

Frei Francisco Foreiro

Foreiro é uma geração mais novo, nascido que foi em 1522 ou 1523⁽⁴²⁾ Diz-se que desde moço se dedicou ao estudo das línguas e «saiu consumado nas três, latina, grega e hebraica»⁽⁴³⁾. Não por deliberação da Ordem dos Pregadores, a que não pertencia ainda, mas por iniciativa da família com estreita ligação à corte e com bolsa de D. João III⁽⁴⁴⁾. E bem mais moço do que imaginam os biógrafos, que emudecem até 1539, ano em que professou. Em fins de 1537 uma pequena caravana regressava do Colégio de S. Bárbara, onde moravam os bolseiros régios em Paris. Formavam-na vários «escolares de Artes e Teologia... com o intuito de professarem no convento

dominicano de Santo Estêvão de Salamanca... (Lá vinha) Francisco Foreiro, nativo da capital, sobrinho do falecido Fr. Francisco de Lisboa e mais tarde pregador do Cardeal Dom Henrique.»⁽⁴⁵⁾

O futuro comentador não tinha mais de 15 anos. E já regressava de Paris, com sólida formação nas três línguas bíblicas. O que leva a concluir que D. João III o terá enviado na tenra idade de 12 ou 13 anos⁽⁴⁶⁾.

Paris ficara. Salamanca também, sem a projectada permanência e profissão religiosa, pois Foreiro emite os votos no convento de S. Domingos de Lisboa, a 2 de Fevereiro de 1539.

Virá Trento (1562-63) e a consagração além-fronteiras. O dominicano cumpria dupla função – teólogo régio de D. Sebastião e procurador do bispo de Silves, em nome do qual subscreveu mais tarde os decretos do Concílio. Entregam-lhe o secretariado da Junta para condenar os livros hostis à fé (boa preparação na Inquisição de Évora!). Vence obstáculos e intrigas, desloca-se a Roma a falar com o papa (Pio IV). Regressa a Trento e aí recebe os graus de mestre e doutor em Teologia. Evidencia-se nas discussões dos teólogos menores, gerando polémica na questão da Eucaristia. A 24 de Julho de 1562 foi um terramoto: pela Escritura não se prova que a missa seja sacrífico; só pela Tradição, que tem o mesmo valor da Escritura. Foreiro desbrava os lugares clássicos da prova, do *Génesis* à *Carta aos Hebreus*, incluindo o texto donde se tiram as palavras da consagração. Cai um após outro ante a apertada argumentação exegética. Diogo de Paiva⁽⁴⁷⁾ e Melchior Cornélio – este em nome do rei de Portugal – sentem a honra pátria ameaçada e saltam à liça: restituem à Escritura a força probatória minada por Foreiro. O bispo de Ventimiglia resume, escandalizado, o incidente numa carta ao Cardeal Borromeo: «un teologo Portoghese attese solamente a distrugere tutti li fundamenti fatti per gli altri...»

Deu-se por encerrado o incidente, os trabalhos conciliares prosseguiram e Foreiro continuou a intervir – sobre o sacramento da Ordem (25.09.62) e sobre o Matrimónio (15.03.63). No último ponto, defendeu com vários argumentos que o celibato dos padres latinos não é de direito divino, mas lei eclesiástica.

A recepção das intervenções foi globalmente encorajante, a ponto de se escolher Foreiro para pregar o sermão⁽⁴⁸⁾ oficial do primeiro Domingo do Advento de 1563 (em vésperas do encerramento do Concílio) e para elaborar o *Index* e o *Catecismo* do Concílio.

Regressado à pátria, serve a Ordem (provincial em 1568) e a Corte (pregador, confessor de D. Sebastião e da Infanta D. Maria). Foi

o grande impulsionador do convento de S. Domingos de Almada, consumindo na obra energias e fazenda (com a azarenta cartada dos juros da Casa da Índia). Falecido a 10 de Janeiro de 1581, foi sepultado na igreja desse convento (hoje Seminário Menor do Patriarcado de Lisboa), onde se conserva a lápide. Houve quem dissesse que o frade morrera de repente, confrangido com a derrota do seu discípulo D. António Prior do Crato.

Revisão de livros, Concílio, sermões e confissões coexistiram com fecundo labor mental. Como se nada o desviasse dos seus comentários bíblicos. Infelizmente só duas obras viram seguramente a luz da imprensa:

Isaiae prophetae vetus et nova ex Hebraico versio cum commentario in quo utriusque ratio redditur, et vulgatus interpres a plurimorum calumniis vindicatur; et loci omnes, quibus sana doctrina adversus haereticos, atque Iudaeos confirmari potest, summo studio, ac diligentia explicantur, Venetiis, ex officina Iordani Zileti, 1563;

Sermo quem habuit ad Patres, Dominica prima Adventus Anno MDLXIII, Brescia MDLXIII.

Segundo o testemunho do próprio autor, houve ainda estes trabalhos, que ficaram inéditos:

Commentaria in omnes libros prophetarum, ac Iob, Davidis ac Salomonis⁽⁴⁹⁾;

Lexicon Hebraicum.

Razão tinha o exegeta romano das «conferências tridentinas»: «Dei teologi che presero parte al Concilio soltanto nella sua ultima fase sta in prima fila, come esegeta, un altro portoghese, Francesco Foreiro, che all'Oleastro va accostato anche per la sorte dei suoi scritti. ... così rimase il sole Isaia a farci tanto più dolore della perdita del resto.»⁽⁵⁰⁾

Frei Luís de Sotomaior

Sotomaior encerra o século e o ciclo. Nascido no seio de família nobre em Lisboa por volta de 1526, professou no convento S. Domingos da cidade natal a 22 de Abril de 1543. Conserva-se a acta, onde alguém anotou à margem a qualidade de professor jubilado da Universidade de Coimbra⁽⁵¹⁾, uma distinção que nenhum dos confrades anteriormente tratados alcançou.

De resto, o *cursus studiorum et honorum* em pouco se distingue dos de Oleastro e de Foreiro – todos estrangeirados e teólogos tridentinos.

Concluído o estudo de Artes na escola do convento de S. Domingos de Lisboa, Frei Luís de Sotomaior partiu em 1549 para Lovaina a cursar Teologia. Não teve pressa de regressar à pátria, pois ainda faz a matrícula em Abril de 1558. Nem esqueceu os mestres, citados com grata memória nos comentários bíblicos: Ruard Tapper, notável teólogo que representou a sua universidade em Trento (1551-52)⁽⁵²⁾, Josse Ravensteyn, dito Tiletano por ser natural de Tielt, na Flandres⁽⁵³⁾, Johannes Driedo, «um dos teólogos de maior envergadura que passaram por Lovaina»⁽⁵⁴⁾, Galeno, Latomanus, Lenseu, Pamellius e Stapleton⁽⁵⁵⁾. É provável que Sotomaior tenha frequentado o Colégio Trilingue de Lovaina. Facto é que deixou Lovaina como um barco carregado de sabedoria, incluindo a excelente preparação nas «três línguas» indispensáveis ao exegeta – grego, hebraico e latim. Os graus académicos de bacharel e mestre foram-lhe conferidos pela Ordem, o primeiro no capítulo geral celebrado em Roma⁽⁵⁶⁾, o segundo no capítulo de Avinhão⁽⁵⁷⁾. Pelo meio, ficou um mal conhecido magistério em universidades inglesas, a pedido de Maria Tudor.

Das andanças e missões de Inglaterra e Alemanha Sotomaior passou a Roma e logo deu nas vistas do embaixador de Portugal, Lourenço Pires de Távora. A recomendação ao rei não se fez esperar:

«Fr. Luís de Souto Mayor, irmão de António de Souto Mayor, estudou em Lovaina muitos annos, veo aqui ter em companhia do P. Fr. Pedro de Souto... hé estimado de letrados... e por outras vias tenho tambem boa informação delle pareceo muito sufficiente pera na conta dos letrados que Vossa Alteza manda ao Concilio ir tambem este padre e portanto persuadir a hir-se a Trento, e a pousar com D. Jorge de Atayde... Aceitou o concelho de muito boa vontade até ver mandamento de Vossa Alteza. (...) O embaixador de Vossa Alteza pera o dito Concilio com os prelados que mais ouverem de vir seria grande satisfação pera o Papa serem já partidos desse reyno.»⁽⁵⁸⁾

Entre a carta do embaixador a D. Sebastião (26 de Setembro de 1561) e a abertura do terceiro período do Concílio (1562-63) o dominicano rumou a Veneza⁽⁵⁹⁾. Aí se encontrava outro português, o franciscano Frei Pantaleão de Aveiro, ansioso por se embarcar para a Terra Santa, não obstante os perigos da viagem invernal. A 4 de Dezembro de 1561 foi o abraço de despedida que nunca mais saiu da memória do peregrino de Aveiro:

«Lembra-me que achando-se em Venesa ao tempo da minha embarcação para a Terra Santa hũ venerando, & doutíssimo Padre da

Ordem de S. Domingos, por nome Frey Luis de Souto Mayor, o qual sendo em Lovaina Leytor, foi mandado ir ao sagrado Concilio de Trento por parte do nosso Rey Dom Sebastião, & despedindo-se de mim, me pedio, q̄ trazendo-me N. Senhor a Portugal, q̄ não queria que lhe trouxesse outras relíquias, senão qualquer pequena de terra, ou pedra, que achasse nas ruas, ou caminhos públicos, crendo firmemente, que toda aquella terra até o abismo estava santificada, por ter andado sobre ella nosso Senhor JESU Christo: palavras por certo dignas de tal varão.»⁽⁶⁰⁾

Seguiu para Trento, onde se hospedou com D. Jorge de Ataíde, mais tarde bispo de Viseu. A única intervenção registada deu-se a 11 de Junho de 1562. Sotomaior pronunciou-se contra o acesso dos leigos à comunhão sob as duas espécies, como fazia a Igreja até então, admitindo embora excepções («nisi ob aliquod grave commodum... respondit posse concedi dummodo iurent, se in omnibus credere quod credit Ecclesia Romana»)⁽⁶¹⁾. Na cidade alpina celebrou com os irmãos da Ordem a festa do seu patriarca S. Domingos (4 Agosto de 1563). Encerrado o Concílio a 4 de Dezembro, regressou finalmente a Portugal, pondo termo a quinze anos de ausência.

Começou por ensinar na escola teológica do convento de S. Domingos de Lisboa. Mas esperavam-no voos mais altos: por provisão real de D. Sebastião (14 de Outubro de 1566) é proposto para a cátedra de Sagrada Escritura da Universidade de Coimbra, vaga com a saída de Paulo de Palácios e Salazar para pároco de Vila Verde dos Francos.

Foi o nável catedrático «lendo» S. Lucas (1567-1570), os Salmos (1570-1572), a 1ª Epístola a Timóteo (1573-1574) e S. João (Evangelho) e exercendo funções administrativas (entre estas a de reitor-substituto)... Até que a roda da política lhe caiu em cima e por pouco o não triturou. Em 1580 morria o Cardeal D. Henrique. Celebrar exéquias solenes era obra pia que ninguém censuraria à Universidade. Mas apoiar abertamente a aclamação de D. António Prior do Crato não podia passar sem consequências amargas. E Frei Luís de Sotomaior foi um dos designados pelo Conselho da Universidade (2 de Julho de 1580), com o Reitor e D. Fernão Martins de Mascarenhas, para manifestarem ao pretendente português a grande alegria da Escola «honde Sua Alteza se criara e estudara». O Conselho resolveu fazer «huma procisam em que os Doutores e Mestres «fossem com suas insígnias doutorais ao Mosteiro de Santa Cruz».

A euforia durou pouco. Fracassaram as pretensões do Prior do Crato com a intervenção do duque de Alba; e as alegrias dos lentes converteram-se em amarguras. Filipe II não tardou em mandar de

Badajoz um alvará à Universidade (26 de Setembro de 1580), declarando a Frei Luís de Sotomaior «por indigno e incapaz da cátedra de Sagrada Escritura que lêe nessa Universidade de Coimbra», privando-o «della e de todas as honras, preheminiências e liberdades, ordenados, próes e percalços.» Foi o preço do patriotismo.

Veio o perdão geral de Filipe II aos que tinham seguido D. António, mas o nome de Sotomaior não constava da lista. Nem esse nem o de nenhum dominicano, por serem «especialmente danados». Só uma segunda carta de perdão (10 de Setembro de 1582) reintegrou o lente nos seus direitos, de que usufruiu em paz até à jubilação (1589) com «dois terços do vencimento e mais 20\$000 réis». Morreu a 30 de Maio de 1610, festa do Pentecostes, e foi sepultado a meio da capela do Colégio de S. Tomás de Coimbra. Até 30 de Maio de 1933, data em que, com a adaptação do Colégio a Palácio da Justiça, as ossadas foram trasladadas para a igreja do Carmo.

A obra exegética de Frei Luís de Sotomaior é a mais vasta de quantos lentes se sentaram na cátedra de Sagrada Escritura em Coimbra. Conservam-se cerca de três dezenas de apostilas em Braga (Biblioteca Pública), Coimbra (Biblioteca da Universidade), Lisboa (Biblioteca Nacional) e Londres (Lambeth Palace). Desconhece-se o paradeiro das seguintes obras manuscritas, referidas por Barbosa Machado:

Commentaria in librum Job, partem libri Psalmorum, Evangelium Lucae, et Johannis;

Commentaria super 13. Cap. Joan. ad illa verba: Antem diem festum Paschae sciens Jesus etc.;

Scholia in Epitectum Philosophum, dedicado a D. António Prior do Crato e pronto a imprimir;

Tratado sobre o direito que a Senhora Dona Catherina Duqueza de Bragança tinha à Coroa de Portugal.

As obras impressas⁽⁶²⁾ compreendem:

Cantici Canticorum Salomonis interpretatio, Lisboa 1599-1601;

Ad Canticum Canticorum Notae Posteriores et Breviores, Paris 1611;

Commentarius in Priorem ac Posteriolem Pauli Apostolo Epistolam ad Timotheum et item in Epistolam eiusdem Apostoli ad Titum, Paris 1610.

Notas

- (¹) Cf. A. RIBEIRO DOS SANTOS, «Da literatura Sagrada dos Judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até os fins do século XV», em *Memórias da Literatura Portuguesa*, publicadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa, II, Lisboa 1792, pp. 236-312; «Da literatura Sagrada dos Judeus no século XVI», *ibid.*, pp. 354-414; «Memórias da Literatura Sagrada dos Judeus Portugueses no século XVII», *ibid.*, III, Lisboa 1792, pp. 227-273; M. BENSABAT AMZALAK, A tipografia hebraica em Portugal no século XV, Coimbra 1922; ID. *Portuguese Hebrew Grammars and Grammarians*, Lisboa 1928; ID. *Dicionaristas e dicionários hebreo-portugueses*, separata de Miscelânea Científica e Literária dedicada ao Dr. J. Leite de Vasconcelos, Coimbra 1931. Sobre I. Abravanel, ver J. NUNES CARREIRA, «Abravanel ou Abrabanel, Isaac (Yisaq Yehuda Abrava'el)», em A. A. BANHA DE ANDRADE (ed.), *Dicionário da História da Igreja em Portugal*, I, Lisboa 1979, pp. 7-9.
- (²) Cf. M. AUGUSTO RODRIGUES, *Gramática Elementar de Hebraico*, Coimbra 1967, prefácio; ID., *A Cátedra da Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra*. Primeiro século (1537-1640), Coimbra 1974, pp. 13-26.
- (³) F. FOREIRO, *Isaiaie prophetae vetus et nova ex Hebraico versio cum comentario*, Venetiis 1563, refere no prefácio «ad amicos» ter composto um Lexicon Hebraicum que lhe foi muito útil («incredibile dictu quantum negotii mihi facessero»).
- (⁴) F. DE TAVORA, *Grammatica hebraea, nouissime edita*, Coimbra 1566. Fr. FRANCISCO DE S. LUIS, *Globus canonum et arcanorum linguae Sanctae ac Divinae Scripturae*, Roma 1586. Sobre o primeiro cf. A. DA SILVA CARVALHO, *Notícia sobre a gramática Hebraica de Francisco de Távora*, separata Revista de Estudos Hebraicos, 1, Lisboa 1928; J. MENDES DE CASTRO, «Francisco de Távora, gramático e pedagogo do século XVI», em *Didaskalia* 2 (1972) 177-182.
- (⁵) O estudo fundamental é de M. A. RODRIGUES, *A Cátedra...*
- (⁶) *Ibid.*, p. 285: «Fr. Heitor Pinto é, sem dúvida, o mais importante exegeta da Escola Coimbrã e, entre os portugueses, um dos grandes.»
- (⁷) A. PINTO CARDOSO, *Da Antiga à Nova Aliança: Relações entre o Antigo e o Novo Testamento em Sebastião Barradas (1543-1615)*, Lisboa 1987.
- (⁸) Veja-se, no entanto, J.S. DA SILVA DIAS, *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Coimbra 1973, pp. 54, 59-60.
- (⁹) J. DA AZAMBUJA, *Commentaria in Mosis Pentateuchum*, Antuérpia 1569, fol. 226 (ad Nm 22.): «... ex India ad Serenissimum Emmanuelem regem nostrum delatum est, quod ipse dono misit ad Leonem pontificem maximum cum aliis pretiosissimis rebus».
- (¹⁰) *Id.*, *In Isaiam prophetam Commentarii*, Paris 1622, col. 818: «ad nos ex quadam prouincia, quae ab hoc ligno nomen sortita est, vehitur. Et vocatur a nostris Brasil, terra a nostris nuper inventa».
- (¹¹) *Ibid.*, col. 51: «Dei tamen pietate fit, ut quos in his partibus occidentalibus, et septentrionalibus Ecclesia amittit, apud Indos et Orientales, in multo maiori copia acquirat, ut referentes nostri fide dignis nuper didicimus». Cf. A.A. MARTINS MARQUES, «A obra exegética de Fr. Jerónimo de Azambuja: Breve comparação dos comentários», em *Theologica*, II Série, 1 (1966) 148-149.

(12) F. FOREIRO, *Iesaiæ prophetas vetus et nova ex hebraico versio cum commentario*, Veneza 1563, fl. 12.

(13) *Concordia Evangelica*, I, Coimbra 1599, p. 123 (LIII, c. 19): «Si viginti milla captivorum turba, magno pretio a rege redempta... ex Africa Olyssiponem ingrederetur...»

(14) *Ibid.*, IV, Lião 1612, p. 227 (LIV, c. 13): «Si semel veniat dux aliquis Olyssiponem et discedat, recte dicitur dux venit Olyssiponem et iterum abiit.»

(15) *Concordia*, II, Lisboa 1605, pp. 12, 634, 635; *Itinerarium Filioum Israel ex Aegypto in Terram Promissionis*, Lião 1620, pp. 112, 113.

(16) *Ibid.*, 112.

(17) *Ibid.*, pp. 112, 113.

(18) Dedicatória (a Martim Gonçalves da Câmara) do tomo III da *Concordia*, onde prossegue: «O infelices Africae campos quos Regis optimi (...) et tot nobilium virorum sanguis cruentavit.» Apud A. PINTO CARDOSO, o. c., p. 24.

(19) De acordo com A. PINTO CARDOSO, o. c., p. 47, a elaboração fundamental da *Concordia Evangelica* foi feita na década de 1580-90, em Évora.

(20) «O felicem nostram Lusitaniam, o felicem Hispaniam, quem Deus tanti operis voluit esse administrandam. Lusitani furenti in pelago ad Orientalem Indiam, Hispani ad Occidentalem, Deo duce, admirabilem invenere viam, fideique Christinae vexillum, tam inter Orientales quam inter Occidentales nationes, magna cum orbis admiratione extulere...» (*Concordia* III, LII, c. 10, p. 134, apud A. PINTO CARDOSO, o. c., pp. 66-67).

(21) O jeronimita Heitor Pinto era igualmente digno de destaque. Infelizmente, não tenho trabalho preliminar que permita dar-lhe o devido relevo.

(22) Carta ao embaixador em Roma, datada de Évora, a 4 de Agosto de 1545. Cf. S. A. GOMES, «O mosteiro de Santa Maria da Vitória no professorado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires», em *IV Centenário da Morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires: Congresso Internacional*. Actas, Fátima 1994, p. 142. A carta, do espólio da Biblioteca da Ajuda, é republicada *ibid.*, pp. 142-143 (do *Corpo Diplomático Portuguez*, V, Lisboa 1874, pp. 447-450).

(23) «Placuit congregationi ut littere ipse tunc legerentur. (...) Quibus lectis petiit idem Dominicanus loco regis sui se tantisper in congregationibus et aliis actibus <ad concilium> spectantibus admitti...». EHSES, *Concilium Tridentinum*, Actorum. epistularum, Tractatum nova collectio (CT), I, Friburgi Brisgoviae 1965, p. 7; cf. *ibid.*, 53, 381; IV, 1964, pp. 438, 543.

(24) Deve tratar-se da Carta de D. João III aos padres do Concílio de Trento, sem data mais precisa de 1545, do espólio da Torre do Tombo (ANTT, Gavetas 2, m^o 3, n^o 44, 3^o), republicada por S. A. GOMES, o. c., p. 144 (do *Corpo Diplomático Portuguez*, V, Lisboa 1874, pp. 450-451).

(25) Cargo que Frei Jerónimo da Azambuja mantinha em Trento; cf. S. A. GOMES, o. c., p. 65, n. 27.

(26) «Placere tamen videbatur omnibus, ne is nomine regis admitteretur, nisi aliter de mandato doceret, quippe quia verisimile parum videbatur, tam magnum regem velle, ut tam privatus, quam ille est, locum suum in tam magno consessu teneret.»

(27) ANTT – *Corpo Cronológico*, Parte I, nº 104, doc. 59, republicada por S. A. GOMES, o. c., p. 144 (do *Corpo Diplomático Português*, VI, Lisboa 1884, p. 2).

(28) S. A. GOMES, o. c., pp. 146-147.

(29) CT V, 546.

(30) *Ibid.*, p. 851.

(31) *Ibid.*, p. 873; sobre a actividade tridentina de Frei Jerónimo cf., A. VILELA, «Um exegeta português do Concílio de Trento: Oleastro. No quarto centenário da sua morte (1563-1963)», em *Brotéria* 78 (1964) 17-19.

(32) J. VERÍSSIMO SERRÃO, *História de Portugal*, IV (1495-1580), 2ª ed., Lisboa 1980, p. 53.

(33) Cf. A. HERCULANO, *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Lisboa 1976, III, 287. A. BORGES COELHO, *Inquisição de Évora. Dos primórdios a 1669*, I, Lisboa 1987, pp. 48 e 56 limita-se a referir a data de tomada de posse como inquisidor de Évora (2-10-1552) e a sua subordinação ao inquisidor-geral, Cardeal D. Henrique.

(34) Papiro Chester Beatty IV (verso); versão alemã de H. BRUNNER, *Altägyptische Weisheit. Lehren für das Leben*, Darmstadt 1988, p. 225: dos homens de letras, «por causa dos livros que escreveram enquanto viviam, é mencionado o seu nome. Boa é a memória do seu autor até toda a eternidade.»

(35) D. BARBOSA MACHADO, Biblioteca Lusitana, Lisboa 21933, p. 444.

(36) Encontravam no convento dominicano de Bolonha, onde o autor os escrevera a quando da segunda fase do Concílio. Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra existe uma apostila sobre os Salmos (ms. 1022).

(37) Guardavam-se, escritos e firmados pela mão do autor, na biblioteca do convento de S. Domingos de Lisboa.

(38) Cf. A. VILELA, o. c., pp. 19-21.

(39) Para além do Comentário ao Génesis, todos se conservam na Biblioteca Nacional de Lisboa.

(40) É obviamente falsa a data de 1556 estampada no rosto dos *Commentaria in Mosi Pentateuchum* da oficina de João Barreiro, pois só no ano seguinte saíram a lume os comentários ao Êxodo, Levítico e Números, completados em 1558 com os *Commentaria in librum Deuteronomii*. Aliás, cada um destes livros mantém rosto e paginação original, como tinham saído dos prelos de outro tipógrafo, João Blávio, de Colónia.

(41) Antuérpia, 1658, 1569. Cito a edição de 1569, Antuérpia, In aedibus Viduae et Haeredum Joannis Steltii, que só na indicação do ano, no rosto, difere da de 1568. As edições de Lião têm por título: COMMENTARIA IN PENTATEUCHUM MOSI, HOC EST, IN QVINQUE PRIMOS BIBLIORVM LIBROS. Quibus iuxta M. Sancti Pagnini Lucensis, ordinis Praedicatorum, interpretationem, Hebraica veritas cum ad genuinum Literae sensum, tum ad mores informandos, ad vnguem enucleatur. A R. P. FRATRE HIERONYMO AB OLEASTRO, eiusdem Praedicatorii ordinis Sacrae Theologiae Professore, & Hereticae prauitatis in vrbe celebre Olyssipone Inquisitore, in lucem edita. Opus quidem per vtile & per necessarium,

non tantum gnatis & industriis, verum etiam iis qui sacrae Scripturae lectura oblectantur. LVGDVNI, APVD PETRUM LANDRI, MDLXXXVI/MDLXXXVIII.

(42) Só é certa a data da morte: 10 de Fevereiro de 1581, com 58 anos de idade e 42 de religião. Se ocorreu nas primeiras semanas do ano (antes de 10 de Fevereiro), o nascimento de Foreiro dera-se em 1523. Noutra hipótese, temos de recuar a 1522 (com FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, III/2, Coimbra 1915, p. 322, nota).

(43) FREI LUIS DE SOUSA, *História de S. Domingos*, IV, Lisboa 31886, p. 479 (livro VI, cap. VIII).

(44) A carta dedicatória ao Cardeal D. Henrique, arcebispo de Évora, refere explicitamente essa qualidade: «Simulac enim ex Gallia redii, quo me cum aequalibus meis quamplurimis Rex ille animi plane regii, frater tuus Ioannes III, studiorum causa miserat... statim me in fidem tuam recepisti...» (F. Foreiro, *Isaiaie prophetas vetus et nova ex. hebraica versio cum commentario*, Venetiis 1563).

(45) M. BRANDÃO, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, I, Coimbra 1948, pp. 219-220.

(46) Não era caso único. Diogo de Teive diz que «sendo eu da idade de doze años mais ou menos me mandaram a paris... estive em paris no colégio de sãta barbar sete años ou mais... (M. BRANDÃO, *O Processo na Inquisição de Mestre Diogo de Teive*, Coimbra 1943, p. 3).

(47) Sobretudo este, na sessão de 26 de Julho (dois dias depois!).

(48) Talvez se refira a este sermão o episódio lembrado por Frei Luis de Sousa, *o. c.*, p. 479, a propósito do domínio das línguas bíblicas: «E foi fama constante em Portugal, que fazendo um sermão aos Cardeais, Legado e mais Padres do Concílio, ao tempo que quiz subir ao púlpito, mandou avisar ao Mestre das Cerimónias, que soubesse de suas ilustríssimas, em que língua eram servidos que pregasse.»

(49) O sermão de Trento fez bom uso da investigação sobre Job.

(50) A. VACCARI, «Esesesi ed Esegeti al Concilio di Trento – Conferenze Tridentine, II, em *Biblica* 27 (1946) 335.

(51) «Hic fr. Ludovicus de Soto Maior fuit lector primarius jubilatus in literis sacris in Conimbricensi Academia» (arquivo historico dominicano portugues, caixa 4, doc. 1 (Livro doas Profissões do Convento de S. Domingos de Lisboa), fl. 18v; apud M. A. RODRIGUES, *o. c.*, (n. 1), p. 160. Para o que segue cf. *ibid.*, pp. 160-260.

(52) No Comentário às Epístolas de S. Paulo a Timóteo e Tito: «... theologus et cancellarius lovaniensis, atque etiam Lovanii quondam magister meus (cuius memoria in benedictione est)», *ibid.*, p. 263.

(53) «quondam Lovanii magister meus», no mesmo comentário (*ibidem*).

(54) *Ibid.*, p. 165. O mestre é citado «vezes sem conta», no Comentário às Epístolas e no Comentário ao Cântico dos Cânticos.

(55) Cf. *ibid.*, pp. 165-171.

(56) A 18 de Maio de 1588, festa do Pentecostes, em que Foreiro também foi promovido ao mesmo grau.

(⁵⁷) A 25 de Maio de 1561.

(⁵⁸) *Corpo Diplomático Português*, IX, 358.

(⁵⁹) Erra Frei Luís de Sousa quando diz que «sendo já acabado (o Concílio) desceu (Frei Luís de Souto Mayor) a Veneza para passar com Padre Frei Bonifácio de Aragusa, da Ordem dos Menores, a visitar a Terra Santa. (...) Uma grave doença estorvou a santa jornada ao Padre Frei Luís.» (*História de Sam Domingos particular do Reyno e Conquistas de Portugal, I*, Lisboa 1623, p. 197 (= livro III, cap. XXXVIII). Edição recente: *História de S. Domingos* (introdução e revisão de M. Lopes de Almeida), Porto 1977, I, 392. Frei Pantaleão, que deixara Trento a fervilhar de actividade, não encontrou o arcebispo de Nicósia em Chipre, por estar o prelado no Concílio (FREI PANTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerario da Terra Sancta e suas particularidades*, Coimbra, 1927, X, 60). Depois de mais de um ano de estadia na Terra Santa, regressou por Damasco, Beirute e Trípoli, aonde chegou a 25 de Março de 1564, único ano da década em esse dia coincidiu com a véspera do domingo de Ramos (cf. *ibid.*, XCI, 524).

(⁶⁰) FREI PANTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerario*, XLIX, 307.

(⁶¹) *Concilium Tridentinum*, VIII, 528.

(⁶²) Sobre as dificuldades financeiras que foi preciso superar para imprimir o Comentário ao Cântico cf. M. A. RODRIGUES, o. c., pp. 205-207, 213-217.